

O FUTURO JÁ COMEÇOU

Escolas e faculdades de BH começam a introduzir Inteligência Artificial em sala de aula

➤ **RAFAELA MATIAS**

Quem foi estudante entre as décadas de 1960 e 1990 certamente imaginou o futuro assistindo aos robôs e carros voadores do desenho animado Os Jetsons. Em 2023, 61 anos após o lançamento da animação americana, o universo futurístico que hipnotizava crianças e jovens nas tevês tubulares do passado parece ser cada dia mais real. Nas salas de aula do presente, alunos e professores já começam a se

adaptar à recente popularização da Inteligência Artificial, pensando estratégias para usar as ferramentas a favor do ensino. “Precisamos reconhecer que a IA veio para ajudar e empoderar, não para substituir o ser humano e a criatividade”, acredita Bárbara Ferreira, coordenadora de Ciências da Escola Americana de Belo Horizonte.

Pensando nisso, a educadora saiu na frente e fez um curso no ISS Learning (International Schools Services) logo após o lançamento do Chat GPT, para entender como utilizar a

Os alunos da Escola Americana, João Victor, Clara Mesquita e Annie Santos, com a coordenadora de Ciências, Bárbara Ferreira: ela implementou o uso do Chat GPT nas aulas de Estatística para os alunos do 3º ano do Ensino Médio



ferramenta em prol da educação. A partir do conhecimento adquirido, Bárbara ministrou um workshop para os professores da Escola Americana e implementou o uso do Chat GPT nas aulas de Estatística para os alunos do 3º ano do Ensino Médio. “A primeira reação dos educadores foi pensar em proibir o recurso, com medo de plágios e impactos negativos na aprendizagem”, diz. “Mas estamos mudando essa mentalidade e compreendendo que a IA está aqui para nos auxiliar. Não é algo que podemos simplesmente bloquear.”

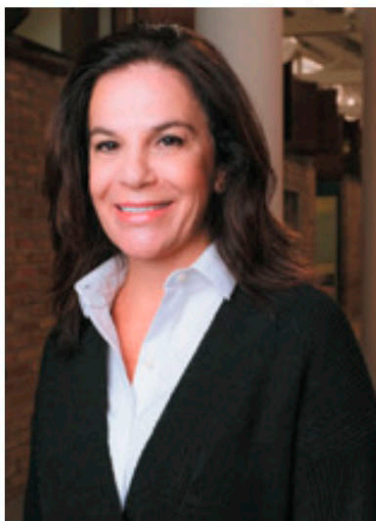
Segundo ela, a ferramenta pode contribuir para o planejamento de aulas, oferecer recursos de pesquisa e possibilitar um ensino personalizado, tornando as atividades mais interessantes e interativas. “É até possível aprender uma nova língua e ganhar mais autonomia nos estudos.” Para que os alunos entendam como usar a ferramenta da maneira adequada, os professores se empenham em ensinar métodos para avaliar se as informações estão atualizadas e corretas. “Ressaltamos que a ferramenta coleta informações da internet inteira, portanto, precisamos do ser humano para julgar a qualidade dessas informações”, afirma Bárbara. No projeto de Estatística realizado pelos alunos do 3º ano, os estudantes exploraram como a estatística está relacionada à programação de Inteligência Artificial. “Isso ajudou a compreenderem por que a IA pode ter respostas tendenciosas e falhas.” Para Bárbara, esse aprendizado será crucial no futuro dos jovens. “Essa geração está interessada em aprender como a IA pode ser aplicada, inclusive em suas futuras carreiras.”

No Instituto Bernoulli, a IA também não é mais uma ideia abstrata. Fabiane Gontijo, coordenadora geral de Tecnologia Educacional, explica que a instituição integrou o Chat GPT à Assistente Ulli, presente no ambiente de aprendizado virtual Meu Bernoulli. “A IA permite analisar as necessidades individuais de cada aluno, fornecendo apoio direcionado e respeitando seus ritmos e estilos de aprendizado”, diz.

Além de personalizar o ensino, a tecnologia de ponta está sendo usada para melhorar a eficiência do conteúdo. “Por meio da análise de dados e da identificação de padrões de aprendizagem, a IA permite a adaptação constante das estratégias pedagógicas”, diz Fabiane. Ela



Fotos: Divulgação
A coordenadora geral de Tecnologia Educacional do Bernoulli, Fabiane Gontijo: “A IA permite analisar as necessidades individuais de cada aluno, fornecendo apoio direcionado e respeitando seus ritmos e estilos de aprendizado”



Denise Campos, vice-presidente de Estratégia Acadêmica do grupo Ânima: “Estamos usando a tecnologia para avaliar o desempenho dos alunos e recomendar caminhos de aprendizado personalizados”

ênfata que essa abordagem resulta em um ciclo de melhoria contínua, em que as estratégias educacionais são ajustadas com base em resultados reais. Sobre o possível impacto dos recursos tecnológicos no papel dos professores, Fabiane enfatiza que a ferramenta vem para

complementar o trabalho, não como uma substituição. “Os educadores desempenham um papel fundamental na orientação dos estudantes, no estímulo à criatividade e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais”, diz. “Esses são aspectos que a tecnologia, por si só, não pode abordar completamente.” Por outro lado, ela defende que a IA pode liberar os educadores de tarefas administrativas e repetitivas, permitindo que eles se concentrem em atividades que requerem habilidades exclusivamente humanas.

Nas faculdades, a alta tecnologia também começa a ser vista como uma ferramenta poderosa para capacitar os estudantes a explorar novos horizontes. Denise Campos, vice-presidente de Estratégia Acadêmica do grupo Ânima, do qual o UniBH é integrante, explica que a instituição adotou uma abordagem que valoriza a IA como uma estratégia de ensino, não apenas como uma ferramenta. “Estamos usando essa tecnologia para avaliar o desempenho dos alunos e recomendar caminhos de aprendizado personalizados”, afirma. Para isso, o grupo está desenvolvendo uma inteligência artificial que permite conhecer o estudante em três dimensões: cognitiva, socioemocional e sociocultural/econômica. “Assim, podemos recomendar trilhas de aprendizado que melhorem seus conhecimentos e supram lacunas em sua jornada educacional.” Além disso, a instituição vem trabalhando na criação de ambientes digitais que promovam práticas profissionais e laboratórios virtuais no Metaverso. “Isso nos permite desenvolver projetos integrados entre cursos, áreas e regiões geográficas.”

Para Denise, as tecnologias educacionais estão promovendo uma interação mais significativa entre professores e alunos, tornando os estudantes mais autores, produtores e formuladores de conhecimento. “Acreditamos que o educador se tornará cada vez mais analítico e baseado em dados, e o seu papel é ainda mais relevante nesse contexto.”

À medida que avançamos em direção a um futuro cada vez mais tecnológico, uma coisa é clara: o fator humano continuará a ser a espinha dorsal da educação, aliando inteligência artificial e conhecimento humano para criar oportunidades sem precedentes. ■